

Sarney diz que Brasil não vai ao FMI

Presidente reiterou aos empresários que ida ao Fundo resultará em recessão



Mário Amato: um compromisso com o mercado livre, sem congelamento

ULYSES ALVES
DE SOUZA
Da Sucursal

São Paulo — O presidente Sarney disse aos 24 principais empresários paulistas, reunidos no sábado num churrasco no haras de Mathias Machline, que o Brasil não irá recorrer ao Fundo Monetário Internacional porque as determinações econômicas daquele órgão prejudicarão o desenvolvimento do País.

A maioria dos empresários levou ao Presidente a sugestão de que o Brasil negocie com o Fundo para resolver mais rapidamente o problema da renegociação da dívida externa brasileira.

A negativa de ida ao FMI é uma consequência de uma outra decisão também anunciada aos empresários: o Governo brasileiro não pretende partir para uma política recessiva como meio de obter fundos para o pagamento da dívida externa. Esta foi uma reafirmação que os empresários já esperavam. A

maioria deles disse que "há uma deliberação do Presidente de que não haja uma recessão no País".

AREUNIÃO

Esta foi a mais longa reunião que um presidente da República teve com empresários. E seu resultado foi amplamente favorável ao presidente Sarney, que anteriormente havia, em seu programa de rádio, reagido a uma possível desobediência civil contra o congelamento, comentada na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, chamando os autores da sugestão de anarquistas.

Essa qualificação atingiu diretamente o presidente da Fiesp, Mário Amato, que, a partir daí, passou a falar menos, a conselho de seus assessores. De lá para cá, as principais posições da Fiesp são expostas pelo empresário Walter Saccá, diretor do Departamento de Economia da entidade.

O objetivo do empresário Mathias Machline, amigo pessoal de Sarney, na promoção do encontro foi por-

tanto amplamente atingido. Os empresários ouvidos ontem pelo CORREIO BRAZILIENSE confirmam essa opinião.

Na reunião de sábado, o presidente ouviu os empresários um a um, durante todo o dia, ao longo de oito horas. No final da reunião, falou a todos os empresários, expondo as posições do Governo Federal, e falando o que eles queriam ouvir.

A reação empresarial é de encantamento. Romeu Chap Chap, por exemplo, presidente do Sindicato de Empresas de Construção e Venda de Imóveis — Secovi, disse que "o Presidente está muito impressionado com a falta de uma política habitacional brasileira". Uma frase que certamente atingiu de forma extremamente positiva um empresário da construção civil.

Essa impressão é tirada de declarações de empresários que gostam de dar entrevistas. Porque Wolfgang Sauer, da Volkswagen ou Amador Aguiar, do Bradesco, preferiram guardar para si as suas opiniões.